

ANÁLISE QUALITATIVA DAS VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS NO PORTUGUÊS FALADO NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ (PA)

Raquel Maria da Silva COSTA

Doutora. UFPA
E-mail: raqmaria@hotmail.com

Regina Célia Fernandes CRUZ

Doutora. UFPA/CNPq
E-mail: regina@ufpa.br

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise qualitativa do comportamento das vogais médias – /e/ e /o/ – postônicas não-finais, na variedade do português falada no município de Cametá (PA), as quais apresentam quatro variantes possíveis: manutenção [e]/[o], alteamento [i]/[u], apagamento [ø] e abaixamento [E]/[O]. O *corpus* foi constituído com amostras de fala de 96 informantes estratificados em sexo, faixa etária, nível de escolaridade e procedência (COSTA, 2010). Dois procedimentos diferentes foram utilizados para a coleta dos dados: uma entrevista livre e um *teste* ou nomeação de figuras. O *corpus* apresenta 2.177 dados. Os contextos fonéticos favorecedores de cada uma das variantes identificadas são explicados à luz da geometria dos traços (CLEMENTS, 2004). Aplica-se particularmente a proposta de Wetzel (1991) para explicar a neutralização ocorridas com as átonas mediais no português brasileiro (PB). De forma geral os dados confirmam o quadro vocálico proposto por Câmara Jr. (1970) para as vogais átonas mediais do PB.

Palavras-chave

vogais médias postônicas; variação fonológica; neutralização

1. Introdução

O presente trabalho compreende uma descrição fonológica das vogais médias postônicas — /e/ e /o/ — não-finais no português falado na cidade de Cameté (PA). Mais especificamente, analisa-se qualitativamente a variação das vogais médias postônicas mediais, de forma a verificar como o ambiente fonético é determinante no comportamento das quatro variantes identificadas, a saber: manutenção (abób[**o**]ra / velocíp[**e**]de), alteamento (abób[**u**]ra / velocíp[**i**]de), abaixamento (abób[**O**]ra / cér[**E**]bro) e apagamento (abób[**ø**]ra / velocíp[**ø**]i).

Para explicação dos contextos fonéticos favorecedores de cada variante, lançou-se mão dos pressupostos teóricos da Geometria dos Traços de Clements & Humes (1995). Aplica-se igualmente a proposta de Wetzels (1991) para explicar o processo de neutralização das vogais átonas não-finais decorrentes de alteamento das mesmas. Por último verifica-se se o inventário de vogais átonas não-finais coincide com o quadro fonético proposto por Câmara Jr. (1970) para as átonas mediais do português brasileiro (PB).

Para que fique claro ao leitor a análise empreendida das vogais médias postônicas mediais da variedade do português falada em Cameté (PA), recupera-se a origem dos dados na secção 4, a qual contém uma resenha da descrição sociolinguística realizada do fenômeno de variação em escopo (COSTA, 2010). Uma breve apresentação da teoria da Geometria dos Traços é feita na próxima secção (secção 2), apresenta-se exclusivamente a sua proposta de descrição das vogais. Antes da apresentação da análise qualitativa dos dados (secção 5), destaca-se a contribuição de Wetzels (1991) para a explicação, com base na teoria autosssegmental, do fenômeno de neutralização das vogais médias átonas não-finais do PB (secção 3) para finalmente apresentarmos o sistema vocálico átono postônico não-final da variedade do PB falada em Cameté (secção 6).

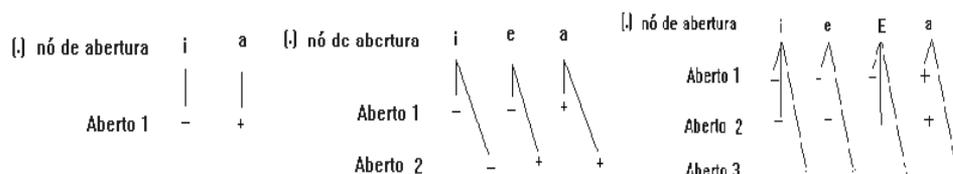
2. As vogais na visão da Geometria dos Traços

Elegeu-se para abordar os processos fonológicos detectados no processo de variação das vogais médias postônicas não-finais do português falado em Cameté (PA) a teoria fonológica da geometria dos traços proposta por Clements & Humes (1995), uma vez que, quando aplicada, esta teoria tem dado conta de processos de assimilação, dissimilação, epêntese, apagamento, propagação harmônica, alguns dos quais foram detectados no processo de variação das vogais médias postônicas mediais da variedade do português falada em Cameté (PA).

Na Fonologia da Geometria dos traços, as vogais são caracterizadas pelos traços de ponto e de abertura, assim como registra a existência de um nóduo de abertura independente para as vogais, o que é considerado, no âmbito das teorias fonológicas modernas, uma inovação na proposta por Clements (2004). O nóduo de abertura das vogais domina o traço [aberto], composto

de uma ou mais fileiras de abertura, cujo número preciso desse traço, depende das distinções de graus de altura que a língua possui em seu sistema vocálico e por isso pode organizar-se em série de registros e sub-registros. Wetzels (1991, p. 29), partindo da proposta de Clements (2004), argumenta que “somente as vogais apresentam o traço [aberto] constrativamente”, embora isso não seja consenso na literatura. Dessa forma a altura dos segmentos vocálicos é especificada como o traço [- aberto] para as vogais altas e o traço [+aberto] para as vogais baixas.

Assim, Clements (2004) passou a representar o sistema vocálico através de traços, organizados hierarquicamente em fileiras ou *tiers*, sendo que cada traço deveria ser marcado positivo [+] ou negativamente [-], criando dessa forma dois registros de altura vocálica. Wetzels (1991) insere a noção de traço de abertura para o PB, adotando a teoria de Geometria dos traços de Clements & Humes (1995) e estabelece o sistema de quatro alturas, obtendo-se primeiro duas alturas /i a/ e /i u a/, três alturas /i e a/, e quatro /i e E a/. É importante salientar que tal representação resulta do agrupamento dos fonemas vocálicos em classes naturais. Assim tem-se respectivamente a seguinte divisão dos níveis de altura para os segmentos vocálicos:



Fonte: Matzenauer (2005, p. 59)

Verifica-se na representação acima, que os diferentes traços caracterizadores do grau de abertura das vogais, estão dispostos em um sistema hierárquico e vinculados a um único nó de abertura, possibilitando um espraçamento, como uma unidade, dos diferentes graus de abertura.

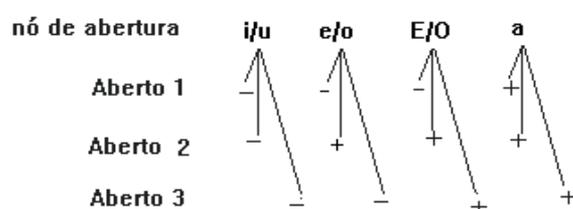
3. A neutralização das vogais médias do PB: uma visão autosegmental

O sistema vocálico do português proposto por Câmara Jr. (1970) possui uma representação triangular de sete vogais em posição tônica, que se reduzem a cinco em posição pretônica, a quatro vogais postônicas não-finais e a três postônicas finais. Essa redução vocálica nas posições átonas, principalmente na postônica não-final, objeto deste estudo, dá-se pela perda do contraste existente entre as vogais médias e as vogais altas. Câmara Jr. (op. cit) denominou o processo em questão de neutralização. Wetzels (1991) reinterpreta a proposta de Câmara Jr. (op.cit), levando em consideração os princípios da teoria autosegmental e explica o processo de neutralização das vogais médias como “definidas as vogais em termos da geometria de Clements, com altura vinculada a traços de abertura, aberto1, aberto2 e aber-

to3, o traço neutralizado é desligado e substituído pelo valor oposto” (WETZELS *apud* BISOL, 2003, p. 274). Dessa forma, na passagem da posição tônica para a posição postônica não-final as vogais médias sofrem, nos termos de Câmara Jr. (op.cit), uma neutralização, pois o traço que as diferencia das vogais altas é apagado.

Pelo modelo autosegmental, a altura do sistema vocálico do PB, é delimitada por traços de abertura, por conseguinte as vogais tônicas subdividem-se hierarquicamente em um sistema de quatro alturas, formado por três níveis de abertura, conforme a representação a seguir:

Figura 3.1 – Sistema de quatro alturas do PB

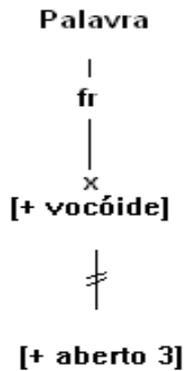


Fonte: Wetzels (1991, p. 30)

Como observado na figura 3.1, os fonemas vocálicos do PB /e, o/ e /E, O/ possuem os mesmos graus de abertura e são agrupadas em uma mesma classe natural por estarem mais estreitamente ligadas entre si do que com as vogais médias altas, com as vogais altas e as vogais baixas. Observa-se na figura 3.1 que a distinção realizada entre as vogais médias altas e vogais médias baixas faz-se somente no *tier* [aberto 3], pois em [aberto 1] e [aberto 2], os traços são idênticos para ambos os fonemas. Para Vieira (1994), essa oposição ocasionada somente no *tier* [aberto 3] pode ser caracterizada como menos básica do que a oposição existente entre as vogais altas e baixas, atribuindo maior importância à distância que há entre vogais não baixas e vogais baixas expressa no *tier* [-aberto 1]. Isso ocasiona na língua, na passagem da tônica para a átona, a eliminação da distinção entre as duas séries de vogais médias.

Para Bisol (2003), essa é a primeira distinção a ser abandonada entre as vogais médias /e, E/ e /o, O/, causando a mudança diretamente de um registro terciário para secundário. Para a autora “regras de neutralização são processos naturais e seu resultado é sempre um sistema mais simples, já contido na própria língua e encontrado em muitas outras línguas do mundo” (BISOL, 2003, p. 276). A neutralização, portanto, entre as vogais médias ocorre por meio do desligamento do tier [+aberto 3] e pode ser observada na figura 3.2 a seguir:

Figura 3.2 – Neutralização da vogal não acentuada

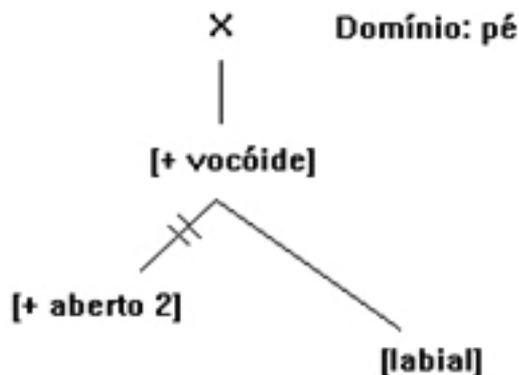


Fonte: Wetzels (1991, p. 39)

No diagrama exposto na figura 3.2 é explicado o desligamento do *tier* [+ aberto 3], isso ocasiona a distinção entre as vogais médias altas e baixas, e gera um subsistema vocálico formado por cinco vogais /a, e, i, o, u/. Assim uma vogal que não possui o acento primário (tônico) na palavra fonológica, é desassociada de [aberto 3], como em b[E]lo → b[e]leza; p[O]rta → p[o]rteiro.

Para a vogal postônica não-final, Wetzels (1991), em uma releitura de Câmara Jr. (1970), constata que a regra de neutralização que ocorre sobre as vogais médias postônicas não-finais elimina apenas o contraste existente entre os fonemas /o/ e /u/, como em *côm[o]da* → *côm[u]da*, o que gera, segundo a visão do autor, um subsistema vocálico formado por quatro vogais: /a e i u/. A regra de neutralização que atinge as vogais médias postônicas não-finais encontra-se representada na figura 3.3:

Figura 3.3 – Representação arbórea da Neutralização da vogal postônica não-final.



Fonte: Wetzels (1991, p. 23-27)

4. Problematização — origem dos dados analisados

Costa (2010) apresenta uma descrição sociolinguística quantitativa das vogais médias postônicas não-finais — /e/ e /o/ — no português falado no município de Cametá (PA). Em decorrência da rara frequência do contexto de realização das vogais alvos — vocábulos proparoxítonos —, por seu número reduzido no léxico da língua portuguesa quando comparados aos vocábulos oxítonos e paroxítonos, a autora foi levada a realizar dois protocolos diferentes de coleta de dados: a) uma entrevista livre¹ e; b) um teste de nomeação de imagens (RIBEIRO, 2007). Para este último tipo de coleta de dados em particular — o teste de nomeação de imagens —, foram utilizadas 56 figuras cujos nomes correspondiam a vocábulos proparoxítonos alvos, os quais encontram-se em anexo. Ao todo foram obtidos **2.177** dados em que a variável dependente do fenômeno estudado se manifestou.

Costa (2010) identificou quatro variantes das vogais médias postônicas mediais na variedade do português analisada, as quais estão descritas abaixo no quadro 4.1.

Quadro 4.1 - Variantes da Vogais médias Postônicas identificadas por Costa (op.cit)

Variável Dependente	Variantes
vogal postônica não-final	alteamento da vogal postônica não-final bússola > búss[u]la
	Manutenção da vogal postônica não-final véspera / vésp[e]ra
	Abaixamento da vogal postônica não-final cômoda > côm[a]da
	Apagamento da vogal postônica não-final árvore > arv[ø]ri

O programa Varbrul selecionou cinco variáveis linguísticas — natureza da vogal tônica, natureza do segmento precedente, natureza do segmento seguinte, ponto de articulação da vogal da variável dependente e tipo de entrevista — e quatro variáveis sociais — escolaridade, sexo, faixa etária e procedência do informante — como fatores condicionadores dos processo de variação das médias postônicas não-finais na variedade investigada.

A análise seguiu várias etapas. Primeiramente, Costa (2010) verificou como se comportam as variantes detectadas quando confrontadas, considerando-se apenas a manutenção das médias postônicas não-finais e a sua modificação em alteamento (centím[**i**]tru), apagamento (abób[**ø**]ra) e abaixamento, este último em dois níveis, primeiro para média baixa (cér[**E**]bro) e depois para uma vogal baixa (côm[**a**]da). Os dados de Costa (op.cit) demonstraram

¹ Na entrevista livre encontraram-se apenas 277 ocorrências do fenômeno.

que há uma tendência maior à modificação da postônica não-final (52%) face a sua manutenção (48%) no português falado em Cameté (PA).

Uma vez constatado que a modificação tem uma percentual de frequência maior de ocorrência na variedade investigada, Costa (op.cit) verificou qual o percentual de ocorrência de cada uma das variantes identificadas como sendo modificação da postônica não-final. A tabela 4.1 abaixo contem a frequência de ocorrência de cada variante identificada.

Tabela 4.1 – Percentual de realização das variantes das vogais médias postônicas não-finais.

Modificações da vogal postônica não-final	Exemplos	Aplicação	Percentual
Apagamento	áv[ø]re	38/38	100%
alteamento	ép[u]ca	910/922	99%
Abaixamento para vogal média	cé[IE]bro	77/82	94%
Abaixamento para vogal baixa	asp[a]ra	108/108	100%
Ausência de modificação	núm[e]ro	04/1027	0%
Total		1137/2177	52%

Como verificado na tabela 4.1, o alteamento é uns dos fatores mais significativos em nível de ocorrência para a aplicação da regra de modificação das vogais médias postônicas não-finais, pois muito embora os percentuais obtidos para o fator abaixamento para vogal média sejam elevados, o que gera um grau de significância expressiva, os dados nos mostram que esse processo fonológico é pouco frequente, manifestando-se apenas no *corpus* com 82 ocorrências. Por essa razão, Costa (op.cit) optou por realizar uma segunda rodada no *Varbrul*, em que o fator alteamento é tomado como uma variante da variável dependente, juntamente com a variante preservação da vogal postônica, por esse dois fatores apresentarem-se como os dois mais expressivos em números de ocorrências, uma vez que de acordo com os seus dados é mais provável em posição postônica não-final as vogais médias — /e/ e /o/ — elevarem o seu traço de altura para [i] e [u], como também o abaixarem para [E] e [O] ou o apagarem [ø], do que manterem seu mesmo grau de altura.

São portanto os processos fonológicos de alteamento, apagamento, abaixamento para a vogal média baixa e vogal baixa que escolhemos para analisar qualitativamente neste trabalho a luz da geometria dos traços.

5. Análise Qualitativa dos Dados

Nessa secção serão apresentados os processos fonológicos que sofreram as vogais médias postônicas não-finais, assim como os itens lexicais que manifestaram cada um desses processos, a luz dos pressupostos teóricos da teoria Autossegmental (WETZELS, 1991) e da Geometria dos Traços (CLEMENTS, 2004; CLEMENTS & HUME, 1995) as quais foram escolhidas para explicar o processo de neutralização sofrido pelas vogais médias em posição postônica não-final no português falado em Cameté (PA).

Acabamos de verificar no item anterior algumas possibilidades de realizações fonético-fonológicas da vogal postônica não-final na variedade do português falada no município de Cameté (PA), como: a) o processo de abaixamento; b) a queda da vogal postônica não-final, caracterizada como síncope; c) o processo de alteamento e; d) o processo de manutenção da vogal postônica (COSTA, 2010).

Quando se analisa individualmente os itens lexicais presentes no *corpus* de Costa (op.cit), observa-se que os vocábulos com a vogal média anterior /e/, que manifestaram apenas uma forma — cronôm[**e**]tro, nád[**e**]gas, núm[**e**]ro, pálp[**e**]bras, út[**e**]ro —, isto é, não apresentaram variação, tenderam sempre à preservação da vogal postônica, não se encontrou, portanto nenhum vocábulo que somente alteasse, apagasse ou abaixasse o traço de altura da vogal anterior /e/.

Ao contrário da série anterior cujos vocábulos que apresentaram só uma forma tenderam sempre a manutenção, o único item lexical da série posterior, que demonstrou apenas uma variante, foi o apóst[**u**]lo, no caso o alteamento.

Por outro lado, nenhum vocábulo com a postônica não-final /o/ admitiu somente a variante manutenção, isso indica que, seja com maior ou menor frequência, os vocábulos sempre apresentaram o alteamento da média. Não se encontrou também nos dados itens lexicais com a vogal anterior /e/, que tenham apresentado as quatro realizações fonético-fonológicas previstas, na sílaba alvo. Todos os vocábulos que registram variação manifestaram somente duas variações na fala, sendo que a maioria dessas tendeu sempre para o processo de preservação da vogal postônica /e/, muito embora tenha apresentado outra variante.

Resultado diferente foi o obtido para a série posterior /o/, pois quatro vocábulos — ‘abóbora’, ‘catálogo’, ‘cócoras’ e ‘odontólogo’ — apresentaram as quatro variantes, isto é, realizaram o processo de alteamento, preservação, abaixamento e apagamento da vogal postônica não-final. Assim encontraram-se na pesquisa:

Tabela 5.1 – Itens lexicais que apresentaram as quatro variantes para a vogal /o/

Vocábulos	Variantes			
	alteamento	manutenção	abaixamento	apagamento
catálogo	catál[u]go	catál[o]go	catál[a]go	catál[ø]go
abóbora	abób[u]ra	abób[o]ra	abób[a]ra	abób[ø]ra
cócoras	cóc[u]ras	cóc[o]ras	cóc[a]ras	cóc[ø]ras
odontólogo	odontól[u]go	odontól[o]go	odontól[O]go	odontól[ø]go

Fonte: Costa (2010, p. 136)

Observa-se a partir dos dados acima a sensibilidade da vogal posterior ao processo de modificação da postônica. Costa (2010) na análise quantitativa também comprovou uma forte tendência das vogais médias posteriores na posição postônica não-final ao alteamento (.90).

Mais uma vez os resultados reforçam a análise de Câmara Jr. (1970) de que as vogais médias posteriores em posição postônica medial encontram-se em posição fraca, sendo, portanto vulneráveis à variação.

Vejamus com maiores detalhes como cada uma dessas variantes foi realizada considerando cada item lexical do *corpus* de Costa (*op.cit*).

5.1 Abaixamento

Foram inúmeros os vocábulos com a vogal postônica /o/ que realizaram o fenômeno de abaixamento no dialeto falado no município de Cameté.

Os vocábulos ‘**catálogo**’, ‘**cômoda**’ e ‘**semáforo**’ com a média postônica /o/ foram os que mais tiveram o traço de altura da vogal postônica abaixado para a vogal baixa [a]. Nos item ‘**catálogo**’ e ‘**semáforo**’, o fenômeno de abaixamento da vogal média /o/ foi realizado por falantes de todos os níveis de escolaridade controlados por Costa (*op.cit*), tanto da zona urbana quanto da zona rural. Enquanto que em ‘**cômoda**’ somente os falantes de nível superior não realizaram o abaixamento.

Tabela 5.1.1 – Itens lexicais que apresentaram abaixamento da vogal média /o/.

Vocábulo	Abaixamento	Frequência
catálogo	cátal[a]go	41
cômodo	côm[a]do	30
semáforo	semáf[a]ro	20
psicólogo	psicól[O]go	10
odontólogo	odontól[O]go	9
abóbora	abób[O]ra / abób[a]ra	3
Época	Ép[O]ca	3
cócoras	cóc[O]ras	3
horóscopo	horósc[O]po / horósc[O]pio	2
mármore	márm[a]re	1
pérola	pér[O]la	1

Fonte: Costa (2010, p. 143)

Os vocábulos ‘**cômoda**’, ‘**época**’ e ‘**catálogo**’ apresentaram alta frequência na fala, sendo que os demais itens lexicais não são usados com tal frequência, alguns vocábulos inclusive, no dialeto em estudo, são desconhecidos dos informantes de baixa escolaridade como ‘**horóscopo**’, ‘**odontólogo**’ e ‘**semáforo**’.

No caso da vogal / e /, o abaixamento ocorreu no *corpus* em análise apenas em quatro itens lexicais — ‘**áspera**’, ‘**câmera**’, ‘**cérebro**’ e ‘**vértebras**’ —, chegando mesmo a apresentar um nível de frequência bastante significativo na fala dos informantes de todos os níveis de escolaridade, tanto da zona urbana como da rural.

Tabela 5.1.2 – Itens lexicais que apresentaram abaixamento da vogal média /e/.

Vocábulo	Abaixamento	Frequência
cérebro	cér[E]bro	30
vértebras	vért[E]bras	12
câmera	câm[a]ra	8
áspera	ásp[a]ra	5

Fonte: Costa (2010, p. 144)

No processo de abaixamento, observado com as vogais médias nos vocábulos acima, observa-se que o abaixamento da vogal média pode atingir o grau mais baixo com a realização da variante [a]. Da mesma forma observa-se uma tendência à harmonia vocálica, uma vez que a variante escolhida, seja uma vogal média baixa, seja um vogal baixa, acompanha o mesmo traço de altura da vogal tônica do vocábulo.

5.2 Apagamento

Os vocábulos que realizaram o processo de apagamento da vogal postônica tanto para /e/ como para /o/ foram bastante raros na variedade analisada, obtendo-se para a vogal postônica /e/ três vocábulos — ‘**helicóptero**’, ‘**hóspede**’ e ‘**velocípede**’ — e para a postônica /o/, um número maior de seis vocábulos, ‘**abóbora**’, ‘**árvore**’, ‘**cócoras**’, ‘**método**’ e ‘**odontólogo**’.

O vocábulo ‘**árvore**’ foi o item lexical que apresentou o maior número de realizações do fenômeno de apagamento da postônica /o/. De fato, os informantes, que realizaram a síncope das postônicas não-finais seja de /o/ seja de /e/, são na maioria os de baixa escolaridade. Identificaram-se apenas dois informantes de nível superior que pronunciaram o vocábulo velocíp[Ø]i com supressão da postônica /e/. Vale ressaltar igualmente que nenhum informante de nível superior realizou a supressão da postônica /o/. Na tabela 5.2.1, pode-se visualizar os vocábulos que registraram apagamento da vogal média postônica não-final.

Tabela 5.2.1 – Vocábulos que apresentaram apagamento da vogal média posterior /o/.

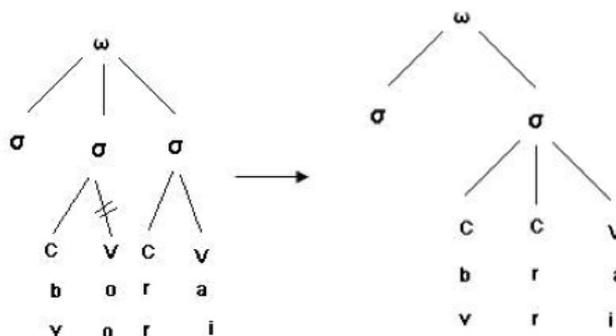
vocábulo	Vogal alvo	Apagamento	Frequência
abóbora	/o/	abób[Ø]ra	2
		bób[Ø]ri	2
		abób[Ø]a	2
árvore	/o/	árv[Ø]i	1
		árv[Ø]ri	2
		áv[Ø]re	1
		áv[Ø]ri	2
cócoras	/o/	cóc[Ø]a	10
odontólogo	/o/	odontól[Ø]u	1
método	/o/	met[Ø]u	1

helicóptero	/e/	h[a]licóp[e Ø]ro	1
		h[a]licóp[Ø]i	2
		helicóp[i]t[Ø]u	1
		h[a]licóp[i]t[Ø]u	2
hóspede	/e/	hósp[Ø]i	2
velocípede	/e/	velocíp[Ø]i	8

Fonte: Costa (2010, p. 145)

Em relação ao apagamento das postônicas /o/ e /e/, observa-se que há dois processos que operam nos vocábulos, um que se dá ao nível do segmento, quando há a supressão de um segmento, no caso a vogal postônica, e outro no nível da palavra quando há a síncope de dois segmentos, ocasionando reestruturação silábica do vocábulo, como pode ser visualizado na figura 5.2.1 abaixo.

Figura 5.2.1 – Representação arbórea do apagamento de um segmento vocálico na posição postônica medial dos vocábulos (abó)bora e (ár)vore.



Fonte: Costa (2010, p. 146)

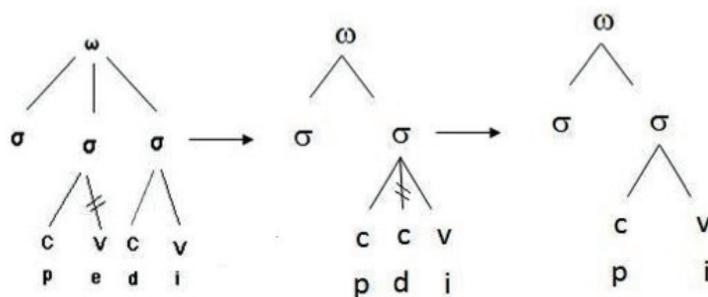
A primeira regra descrita acima refere-se à supressão somente da vogal média postônica não-final, o que ocasiona uma reorganização na estrutura da sílaba, mudando o padrão CV para o padrão CCV. É o que acontece com os vocábulos ‘**abóbora**’ que na fala são pronunciados como ‘**abobra**’ ou ‘**bobri**’ e ‘**arvore**’ > **arvri** > **avri**. Essa ressilabação é possível porque o encontro consonantal obtido em decorrência do apagamento da vogal média postônica (com a segunda posição do ataque complexo sendo ocupado por uma consoante líquida) é aceitável na língua portuguesa.

A segunda forma de ocorrência de síncope acontece quando além da queda da vogal postônica, há a supressão da consoante da sílaba seguinte. Isso ocorre em obediência ao Princípio de Sequenciamento de Soância (CLEMENTS, 2004), que não permite sílabas com seqüências do tipo ‘pdi’, ‘tdu’, ‘rca’ ocorrerem no português, por isso além da supressão da vogal postônica, há a supressão também da consoante da sílaba seguinte, o que ocasiona a formação de uma nova sílaba do tipo CV, padrão silábico canônico do português brasileiro. Assim que surgem pronúncias do tipo *hospi* < *hóspede*, *metu* < *métudo*,

coca < cócoras, arvi < árvore, boba < abóbora, velocipi > velocípede. É o que se observa na figura 5.2.2.

Convém ressaltar que tanto na síncope da vogal postônica, como da vogal e consoante, há perdas no vocábulo de uma sílaba o que ocasiona a necessidade de uma ressilabação.

Figura 5.2.2 – Representação arbórea do apagamento da sílaba postônica não-final do vocábulo '(hós)pede'.



Fonte: Costa (2010, p. 147)

5.3 Alçamento

Em se tratando dos itens lexicais que apresentaram o processo de alçamento das médias postônicas não-finais, o número de vocábulos que admitem alçamento foi bem mais expressivo, tanto para a vogal posterior quanto para a vogal anterior. No geral os falantes de todos os níveis de escolaridade, seja da zona urbana ou da rural utilizaram formas alteadas na vogal média postônica não-final.

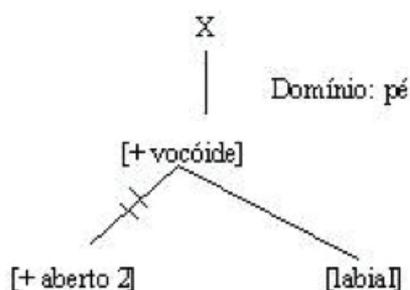
Tabela 5.3.1 – Vocábulos que apresentaram alçamento da vogal média posterior /o/.

Vocábulo	alçamento	Frequência
Época	ép[u]ca	147
Autódromo	autódr[u]mo	62
Fósforo	fósf[u]ro	55
Bússola	búss[u]la	53
Árvore	árv[u]re	51
Ídolo	íd[u]lo	50
Símbolo	símb[u]lo	49
Abóbora	abób[u]ra	36
Pérola	pér[u]la	36
Âncora	ânc[u]ra	31
Psicólogo	psicól[u]go	31
Carnívoro	carnív[u]ro	29
Horóscopo	horósc[u]po	27
Método	mét[u]do	23

Metrópole	métrop <u>[u]</u> le	18
Odontólogo	odontól <u>[u]</u> go	11
Cômoda	côm <u>[u]</u> da	10
Semáforo	semáf <u>[u]</u> ro	10
Brócolis	bróc <u>[u]</u> lis	8
Cócoras	cóc <u>[u]</u> ras	4
Mármore	márm <u>[u]</u> re	4
Catálogo	catál <u>[u]</u> go	1

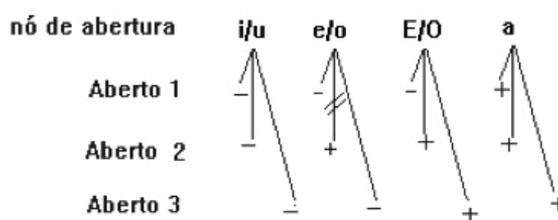
Fonte: Costa (2010, p. 148)

Figura 5.3.2 – Representação arbórea da neutralização da postônica não-final, segundo Wetzels (1991).



Fonte: Wetzels (1991, p.27)

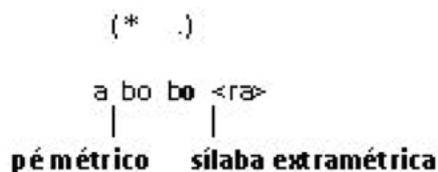
A regra de neutralização exposta acima demonstra o desligamento do traço [+aberto 2] do vocóide, o que ocasiona a perda do traço distintivo das vogais posteriores média e alta.



Com a perda deste traço distintivo, as vogais médias /e/ e /o/, principalmente a média posterior /o/, passam a compartilhar os mesmos traços de abertura das vogais altas /i/ e /u/ respectivamente os quais são [- aberto 1] e [- aberto 3].

De acordo com a regra proposta por Wetzels (1991) o domínio da regra de neutralização da postônica não-final é o pé métrico. Assim nos vocábulos proparoxítonos, as vogais que estiverem à borda direita de um pé métrico tenderão a tornar-se mais fracas. É o que se observa neste estudo, quanto ao alteamento significativo de /o/ e não de /e/, como representado na figura 5.3.3 abaixo.

Figura 5.3.3 – Neutralização da vogal que se encontra a borda direita de um pé métrico



Fonte: Costa (2010, p. 150)

A frequência de alteamento dos vocábulos com a vogal postônica /e/ é menor que a dos vocábulos com a média posterior /o/. E muito embora haja o alteamento de /e/ para /i/, verifica-se que o número de ocorrências dos vocábulos com a vogal anterior postônica alteada é bem mais inferior do que ocorre com a série posterior. Os falantes de todos os níveis de escolaridade realizam o alteamento da vogal /e/, pertencentes tanto a zona urbana quanto a rural.

Tabela 5.3.1 – Vocábulos que apresentaram alteamento da vogal média posterior /e/

Vocábulo	alteamento	Frequência
Quilômetros	quilôm[i]tros	45
Indígena	indíg[i]na	11
Hóspede	hósp[i]de	8
Alienígena	alieníg[i]na	7
Fenômeno	fenôm[i]no	6
Taxímetro	taxím[i]tro	6
Velocípede	velocíp[i]de	5
Termômetro	termôm[i]tro	4
Gênesis	gên[i]sis	3
Frutífera	frutíf[i]ra	1
Mamíferos	mamíf[i]ros	1
Parênteses	parênt[i]ses	1

6. Sistema Vocálico Átono Postônico Não-Final

De acordo com Costa (2010), o processo de alteamento, /e/ > [i] e /o/ > [u] apresenta-se como variante de menor ocorrência, evidenciado através do peso relativo **.46** para a sua presença e **.54** para a ausência, sendo que de **1949** dados efetivamente verificados **921** aplicaram a regra variável de alteamento, enquanto que em **1031** dos dados, não se aplicou, mantendo dessa forma as vogais postônicas não-finais.

Os resultados de Costa (2010) apontaram também nas rodadas para as médias /e/ e /o/, que a média posterior possui maior propensão ao alteamento (/o/ > /u/), peso relativo de **.90** e a média anterior (/e/ > /i/), peso relativo de **.04**. Verifica-se, portanto no que diz respeito principalmente a média /o/

mais propensa ao alteamento, que os fatores linguísticos selecionados como significativos não possuem muitos traços articulatórios comuns à variável dependente em estudo, o que nos leva a interpretar esse fenômeno de alteamento como neutralização, entre outras justificativas, principalmente porque é a própria vogal /o/ independente dos segmentos consonantais que a acercam, que apresenta maior sensibilidade para elevar seu traço de altura.

Ao confrontar o sistema vocálico postônico medial da variedade do português falada em Cametá (PA) com o sistema proposto por Câmara Jr. (1970), Costa (2010) inferi a partir de seus dados que existe um sistema postônico não-final variável no falar do município de Cametá, que se manifesta ora com cinco vogais (a, i, o, e, u) e ora com quatro vogais (a, i, e, u).

Este último sistema vocálico é decorrente da neutralização que ocorre entre a vogal média /e/ e /i/ e principalmente entre /o/ e /u/, pois Costa (2010) observou que ao contrário do que ocorre com a série anterior cujos vocábulos que apresentaram só uma forma tenderam sempre a manutenção da postônica, na série posterior o único item lexical que demonstrou apenas uma variante, foi ‘*apóstolo*’, e esta variante foi o alteamento (apóst[**u**]lo). Tal resultado corrobora a hipótese levantada por Câmara Jr. (1970) que defende haver sobre as vogais médias não-finais um processo de neutralização entre /o/ e /u/, uma vez que o /o/ não se mantém ao lado do /u/ no sistema vocálico da língua, ao contrário do /e/ que permanece ao lado do /i/. E embora o /o/ conviva ainda no dialeto do município de Cametá (PA) com /u/, aquele tenderá com o tempo a deixar de existir. Diferentemente da média /e/ que se mantém resistente ao processo de alteamento.

Figura 6.1 – Sistema Vocálico do PB na Posição Postônica Medial, segundo Câmara Jr. (1970).

	anteriores		posteriores
altas	i		u
médias		e	(...)
baixas		a	

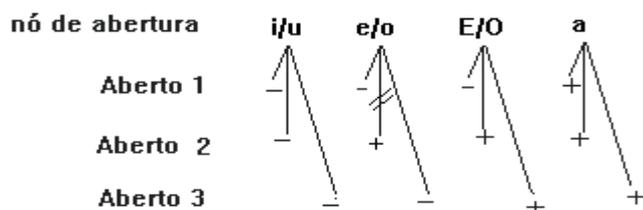
Fonte: Costa (2010, p. 134)

Para Wetzels (1991), essa regra de neutralização é condicionada pelo traço de labialidade dos segmentos consonantais precedentes e não existe de fato uma diferenciação entre /o/ e /u/ na língua falada. Uma das conclusões obtida foi a de que a neutralização não é ocasionada somente pelo traço labial, dos segmentos que cercam a vogal /o/, muito embora se tenha observado que os segmentos labiais precedentes e seguintes em sua maioria aparecem sempre como um dos mais favorecedores do alteamento de /o/. Verificou-se também que essa regra atinge variavelmente não somente a posterior /o/, mas a vogal

anterior /e/ no município de Cameté (PA). Para Wetzels (1991) a regra que neutraliza a oposição existente entre /o/ e /u/ é a mesma expressa na figura 6.2 abaixo.

A regra de neutralização exposta abaixo demonstra o desligamento do traço [+aberto 2] do vocóide, o que ocasiona a perda do traço distintivo das vogais posteriores média e alta.

Figura 6.2 – Regra de neutralização da oposição existente entre medias postônicas não finais no PB.



Fonte: Wetzels apud Costa (2010, p. 149)

Com a perda deste traço distintivo as vogais médias /e/ e /o/, principalmente a média posterior /o/, passam a compartilhar os mesmos traços de abertura das vogais altas /i/ e /u/ respectivamente os quais são [- aberto 1] e [- aberto3].

O alteamento de /o/ ocorre principalmente quando a vogal alvo encontra-se precedida ou seguida de sons labiais. Clements & Humes (1995) ressaltam que tanto as vogais posteriores /o/ e /u/ compartilham o mesmo traço [+ labial] com as consoantes fricativas labiodentais e obstruintes labiais, as mesmas que favorecem o alteamento da média posterior na posição postônica não-final.

Um das explicações mais plausíveis que se tem para o fato da série posterior alçar mais advém de Bisol (2003) que acredita que a explicação desse fenômeno esteja no fato de que a série posterior /o/ tenha uma motivação fisiológica que consiste na proximidade entre a articulação da média /o/ com a alta /u/, tornando-a mais sensível a aplicação da regra variável, ao contrário da média / e / que apresenta em alguns contextos uma maior resistência.

Convém salientar também que essa maior frequência de alteamento da média posterior do que a anterior /e/ resulta do fato de que palavras que contêm a vogal posterior /o/ em posição postônica serem mais recorrentes na fala popular como *fósforo* ao passo que palavras como *cátedra* são termos mais técnicos não sendo frequentes na fala popular.

O que se observa, portanto, é que os resultados obtidos para a natureza da variável dependente reforçam a tese de Câmara Jr. (1970) de que em posição postônica não-final a média posterior /o/ é neutralizada pela alta /u/, de modo a desaparecer a oposição entre ambas, proporcionando somente quatro vogais em posição postônica não-final. Nesse ponto Bisol (1981) relembra es-

tudos anteriores como o de Daniel Jones (1957 *apud* BISOL, 1981, p. 114) que atribui menos espaço bucal às posteriores argumentando que “o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das vogais posteriores”.

Conclusão

O estudo do processo de modificação da vogal postônica não-final das médias anterior e posterior, em vocábulos nominais proparoxítonos no português falado no município de Cametá (PA) possibilitou-nos verificar o comportamento linguístico da *presença > modificação da postônica*, para observarmos se o fenômeno linguístico em questão sofre ou não interferências de fatores linguísticos. Sendo que o processo de alteamento, analisado a partir de uma análise variacionista, foi norteado pelos pressupostos teóricos da Teoria Autosegmental e da Geometria dos traços.

Identificou-se nos dados um fenômeno de neutralização das médias postônicas não-finais, principalmente causado por uma forte probabilidade de alteamento das vogais alvos, dentre os processos de modificação destas mesmas vogais, por implicar na perda do traço distintivo que as vogais altas e as vogais médias possuem, segundo Câmara Jr. (1970). Desta forma o sistema vocálico átono não-final da variedade do português falada em Cametá (PA) confirma o quadro vocálico estabelecido por Câmara Jr. (*op.cit*) para as postônicas médias. Para Wetzels (1991), ocorre o desligamento do traço [aberto 2], o que gera um sistema vocálico para o dialeto de Cametá (PA) de cinco vogais, haja vista que observamos, embora de ocorrência menor no que tange a realização de /o/, todos os fonemas vocálicos do subsistema da postônica não-final realizam-se.

Os processos de abaixamento e apagamento da vogal postônica não-final não são frequentes na fala investigada, admitindo, diante do alteamento, baixo índice de ocorrências. O apagamento é mais recorrente nas vogais médias posteriores e o nível de escolaridade é um fator que o influencia, pois quanto maior a escolaridade, menor a probabilidade de sua realização. Com relação ao apagamento — ‘abobra’ — a vogal média com o traço [+ posterior] ocupa a posição acentual de menor proeminência, ou a mais fraca acentualmente na palavra, por isso tenderá a apagar, favorecendo a redução silábica e gerando a sílaba CCV aceitável na língua.

No que diz respeito ao abaixamento muito embora os percentuais obtidos para esse processo gere um grau de significância expressiva, os dados nos mostram que esse processo fonológico é pouco frequente, manifestando apenas no *corpus* 82 ocorrências. Apesar de ter sido realizado por falantes de todas as faixas etárias e níveis de escolaridade.

Os resultados aqui expostos não devem ser esgotados no presente artigo, pois reconhece-se que ainda há muito a verificar sobre o comportamento variável das vogais médias postônicas, principalmente o da postônica /o/, cuja

análise deixou evidente um alto índice de vogal postônica [u] ocupando sozinha a posição postônica da série posterior. Outros estudos poderão confirmar tais resultados, questioná-los ou refutá-los. ☐

COSTA, R. M. S.; CRUZ, R. C. F.; SOCIOLINGUISTIC DESCRIPTION OF POSTONIC MID VOWELS - /O/ AND /E/ - AT WORD NO FINAL POSITION IN BRAZILIAN PORTUGUESE SPOKEN IN CAMETA, NORTH OF BRAZIL

Abstract

This paper describes a qualitative analysis of the behavior of mid vowels - /e/ and /o/ - at non-final postonic position, in Amazon Brazilian Portuguese spoken in Cametá (PA). There have noted four variants: mid [e]/[o], high [i]/[u], delete [ø] and low [E]/[O]. The corpus was formed with speech samples of 96 speakers stratified in sex, age, school level and origin (COSTA, 2010). Two different protocols were used during fieldwork: a free interview and a test of picture naming. The corpus has 2.177 data. The strong phonetic contexts for each variant identified are expliyed with by the Feature Geometry theory (CLEMENTS, 2004). Particularly applies in this work to the Wetzels's approach (1991) to explain the unstressed medial neutralization of Brazilian Portuguese. Overall the data confirm the vocalic framework suggested by Câmara Jr. (1970) for the unstressed medial vowels of Brazilian Portuguese.

Keywords

postonic mid vowels; phonological variation; neutralization.

Referências bibliográficas

BISOL, L. *Harmonização Vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. A Neutralização das Átonas. *Revista Letras*. Curitiba, nº 61, especial, p. 273-283, 2003.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*, 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CLEMENTS, G. N. *Feature Organization*. In *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2ª edition. Oxford: Elsevier Limited, 2004.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLD-SMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995, pp. 245-306.

COSTA, R. *Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá-PA*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém (PA), 2010.

\MATZENAUER, C. L. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, 4ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, pag. 11-81.

RIBEIRO, D. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 2007.

WETZELS, L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise autossegmental. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (SP), 21, p. 25-58, 1991.

ANEXO

/e/	/o/
Alienígena	Abóbora
Almôndegas	Apóstolos
Áspera	Árvore
Câmera	Autódromo
Cérebro	Brócolis
Cócegas	Bússola
Cronômetro	Carnívoro
Fenômeno	Catálogo
Fôlego	Catástrofe
Frutífera	Cócoras
Gênesis	Cômoda
Helicóptero	Época
Hóspede	Êxodo
Indígena	Fósforo
Mamífero	Hipódromo
Nádegas	Horóscopo
Número	Ídolo
Pálpebras	Mármore
Paralelepípedo	Método
Parênteses	Metrópole
Pêssego	Odontólogo
Prótese	Pentágono
Quilômetro	Pérola
Taxímetro	Psicólogo
Termômetro	Semáforo
Tráfego	Símbolo
Útero	Víbora
Velocípede	
Vértebras	